



# BOLETIM

## INFORMATIVO

### A revista do Sistema

Ano XXIV nº 1290 - 09/02/2015 a 22/02/2015

Tiragem desta edição 25.000 exemplares

# CADÊ A POLÍTICA PARA OS FERTILIZANTES?

#### TRIGO

O documento da  
FAEP/Seab/Ocepar

#### HISTÓRIA

U 513: O túmulo  
de guerra

#### PRAGAS

A Falsa  
medeira

# Aos Leitores

Volta e meia o mau humor de Dilma Rousseff é abordado pelos jornais, que se baseiam em quem tem proximidade com a presidente. O ex-deputado e ex-ministro Reinhold Stephanes testemunhou esse comportamento da presidente ao assistir, em 2008, a então ministra de Minas e Energia, soltar os cachorros em José Sergio Gabrielli, então presidente da Petrobras.

Dilma soubera que Gabrielli havia vendido a terceira maior jazida de potássio do mundo, na Amazônia, com reservas de 1 bilhão de toneladas, à empresa canadense Falcon. Ao fazer a operação, Gabrielli agiu com a aprovação da própria Dilma, que presidia o Conselho da petrolífera. De qualquer forma, o negócio foi desfeito, “mas nunca mais ninguém tratou do assunto”, recordou Stephanes ao repórter André Amorim, autor da matéria de capa desta edição (pg 4).

Stephanes escreveu um livro sobre Fertilizantes em 2014 e deixou na Câmara o Projeto de Lei 8.065/14, que cria um Plano Nacional de Fertilizantes.

A Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda) defende que a exploração de fertilizantes no país seja uma questão de “segurança nacional”, uma vez que o Brasil tem a segunda maior taxa geométrica de crescimento anual do consumo de potássio (atrás da China).

O NPK é como pão de cada dia para os produtores rurais e boa parte desses minerais estão sob nosso pé. Só quem parece não enxergar é o governo federal.

# Índice

CAR .....	03
Fertilizantes .....	04
Visitantes .....	09
Trigo .....	10
História - U 513 .....	12
Mercado de carne bovina .....	14
Agrinho/Nota .....	17
Equipamentos .....	18
CTA de Assis Chateaubriand .....	22
Lei do caminhoneiro .....	23
Falsa Medideira .....	24
Caravanas / Show Rural .....	27
Eventos Sindicais .....	36
Via Rápida .....	30

## Expediente

**FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná**  
**Presidente:** Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Ivo Polo, Francisco Carlos do Nascimento, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Lisiane Rocha Czech | **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

**SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR**  
**Conselho Administrativo | Presidente:** Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR | **Conselho Fiscal:**

Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Jairo Correa de Almeida | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

**Boletim Informativo | Coordenação de Comunicação Social:** Cynthia Calderon | **Editor:** Hélio Teixeira | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, Katia Santos e André Amorim | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuel | **Ilustração:** Icaro Freitas

*Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Peça-se citar a fonte.*

**Fotos da edição 1289:** Cesar Machado, Arivonil Policarpo, Fernando Santos, Arquivo FAEP e Divulgação

# FAEP pede prorrogação do CAR

E defende a possibilidade de cancelamento de cadastro feitos por matrícula e não por imóvel rural



O Decreto nº 8.235, de 05 maio de 2014 que estabelece as normas gerais complementares aos Programas de Regularização Ambiental deu prazo de um ano para todos os produtores rurais efetuarem a inscrição no Cadastro Ambiental Rural – (CAR). Ou seja esse prazo finda agora em 6 de maio de 2015. Ocorre que até agora nem 10% de todo o território nacional, sujeito ao CAR, foi cadastrado.

A Federação da Agricultura do Estado Paraná (FAEP), em parceria com o órgão ambiental do Estado, vem treinando sindicatos, técnicos e instituições para auxiliar produtores a preencher o CAR, mas entende que o prazo de 06 de maio é curto.

Diante disso, o presidente da FAEP, Ágide Meneguette, encaminhou, no último dia 06 à ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, um ofício solicitando a prorrogação desta data,

conforme previsto na Lei nº 12651/2012 artigo 29 inciso 3º .

O documento também pondera que, quando o CAR foi implantado, existiam muitas dúvidas a respeito de como cadastrar os imóveis. Assim, produtores rurais, por orientações equivocadas, acabaram cadastrando sua propriedade por matrícula e não por imóvel rural como consta na IN nº32, de 06 maio de 2014, artigo 32.

“Esses produtores necessitam corrigir o erro, entretanto não conseguem, pois o programa não permite cancelar um CAR já feito”, explica ainda o ofício. Como o programa para inscrição no CAR tem passado por constantes melhorias e está na versão 1.8, “é fundamental um novo ajuste que permita o cancelamento do CAR nos casos em que a justificativa seja o preenchimento do CAR por matrícula e não imóvel rural”, defende a FAEP.

# Refém do NPK

Brasil teria condições de produzir boa parte dos fertilizantes que consome, mas falta estratégia de governo para isso e dependência externa cresce a cada ano

Por André Amorim



Nenhum país no globo dispõe de condições para a produção de alimentos como o Brasil. Pesam a nosso favor o clima, que permite duas safras a cada ano; nossas grandes extensões de terra, e uma classe de produtores rurais trabalhadora e engajada. Da mesma forma, para manter essa produção pujante, nenhum país depende tanto da importação de fertilizantes como o Brasil.

Apesar da importância destas substâncias nas lavouras brasileiras, não produzimos nem um terço da nossa demanda anual. Segundo dados da Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda), no ano passado o país importou mais de 24 milhões de toneladas de fertilizantes, enquanto a produção nacional foi de apenas 8,8 milhões de toneladas, totalizando 32,2 milhões de toneladas entregue aos produtores em 2014 – mais da metade absorvida pelas culturas de soja e milho.

Trata-se de insumos cada vez mais estratégicos na escalada de produtividade por que passa nossa agricultura, que bate recordes de produção a cada ano. Velhos conhecidos dos produtores,

o nitrogênio (N), o fósforo (P) e o potássio (K) ganharam uma sigla para seus compostos que leva as letras dos seus símbolos químicos – NPK e representam entre 10% e 30% dos custos de produção, dependendo da cultura.

De acordo com a Anda, o total destes produtos consumido em 2014 foi 4,9% superior ao volume consumido em 2013. Os fertilizantes nitrogenados (N) apresentaram aumento de 4,7%, em função da alta demanda do milho safrinha, algodão, café e trigo. Os fosfatados (P2O5) registraram alta de 2,4%, puxada principalmente pela demanda da soja. Nos fertilizantes potássicos (K2O), foi registrado crescimento de 5,9%. Apesar da demanda crescente destes insumos (veja infográfico), a produção brasileira não avança significativamente para acompanhar o consumo. Pior. Na comparação com 2013, a produção nacional de fertilizantes encolheu 5,2% em 2014.

É aí que mora a preocupação do setor agropecuário brasileiro: Estamos cada vez mais dependentes de produtos estratégicos cuja produção está na mão de pouquíssimas empresas globais.

## Potássio

A distribuição de potássio no mundo é bastante desigual, com a imensa maioria das jazidas localizadas no hemisfério norte. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram) o Canadá possui 46% das reservas mundiais e a Rússia (incluindo a Bielorrússia) 34%, sendo que três grandes empresas praticamente dominam esse mercado.

## Fósforo

No caso do fósforo, essa concentração não é tão intensa, mas a oferta ainda é bastante limitada. Existem cerca de 40 países produtores, sendo China, Estados Unidos, Rússia e os países do Norte da África os maiores produtores, com diversas empresas atuando nesse segmento. Também nossa dependência não é tão grande das importações, uma vez que produzimos cerca de metade da demanda brasileira de fertilizantes fosfatados.

## Nitrogênio

A produção de fertilizantes nitrogenados (uréia principalmente) está ligada diretamente à cadeia do gás natural, de modo que a oferta é relativamente ampla, com mais de 60 países produzindo. Mesmo assim, a demanda brasileira por esse produto é bastante superior à nossa capacidade de produção.



Mineração de Potássio na Rússia

## Importações de fertilizantes pelo Paraná em 2014

Cloreto de Potássio	3,7 milhões de toneladas
Uréia (nitrogênio)	1,3 milhão de toneladas
Fosfatados	2,3 milhões de toneladas

(Fonte: Sindiadubos-PR)

## Segurança Nacional

De acordo com o diretor-executivo da Anda, David Roquetti, o tema fertilizantes deveria ser colocado como questão de “segurança nacional”, uma vez que o Brasil tem a segunda maior taxa geométrica de crescimento anual do consumo de potássio (atrás da China somente) e a maior taxa geométrica de importação deste insumo do mundo. Isso significa que somos cada vez mais dependentes da importação deste mineral.

No ranking internacional da produção de potássio, o Brasil ocupa hoje a 11ª posição, respondendo por 0,99% do volume global produzido. Segundo o sumário mineral do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), a produção de potássio em 2013 foi de cerca de 311 mil toneladas, enquanto nosso consumo foi de mais de 5 milhões de toneladas.

Hoje o Brasil possui apenas uma unidade produtora de potássio fertilizante, o Complexo Mina/Usina de Taquari-Vassouras, localizada no Sergipe e operado pela Vale Fertilizantes S.A.

No que se refere ao fósforo, a dependência internacional não é tão gritante, mas a produção doméstica ainda não supre nem a metade da demanda interna. Em 2013 foram minerados 39 milhões de toneladas em dez minas brasileiras, que resultaram em 6,7 milhões de toneladas de material beneficiado. Assim como o potássio, a Vale é a principal exploradora do mineral, respondendo por 71% da produção em 2013, mas existem diversas empresas de médio e pequeno porte atuando na área.

## Longo caminho



Descarregamento de fertilizantes nos portos do Paraná

A dependência internacional cria outro entrave. Para que esses insumos cheguem até as lavouras brasileiras, é necessário um longo caminho, uma vez que os grandes produtores de fertilizantes estão do outro lado do oceano. A maior porta de entrada destes produtos são os portos paranaenses, que recebem mais da metade dos fertilizantes que chegam ao Brasil. Em 2014 foram movimentados nos portos de Paranaguá e Antonina mais de 9,6 milhões de toneladas de NPK.

Para melhorar as condições de recebimento destes produtos, foi anunciado no início deste ano um investimento de R\$ 160 milhões no Porto de Antonina, que deverá dobrar a capacidade de movimentação de fertilizantes no terminal. O aporte é da empresa russa Uralkali, uma das maiores produtoras mundiais de potássio (leia mais na pág. 08).

O custo logístico desta operação acaba onerando o setor produtivo. Segundo dados do Sindicato da Indústria de Adubos e Corretivos Agrícolas do Paraná (Sindiadubos-PR), apenas as multas de sobreestadia dos navios que tiveram que aguardar na fila para descarregar fertilizantes nos portos paranaenses somaram US\$ 65 milhões em 2014. Esse custo é repassado aos produtores, que vão

pagar mais caro pelos fertilizantes.

Soma-se a esta conta a questão tributária. Segundo o Ibram, o produto importado tem tarifa zero e não há incidência de ICMS, ao contrário do produto nacional, onerado em operações interestaduais com alíquotas que chegam a 8,4% e carga tributária total (IR, PIS, Cofins, ICMS e CFEM) que chega a 30,8% para o Fosfato e 41,60% para o potássio.

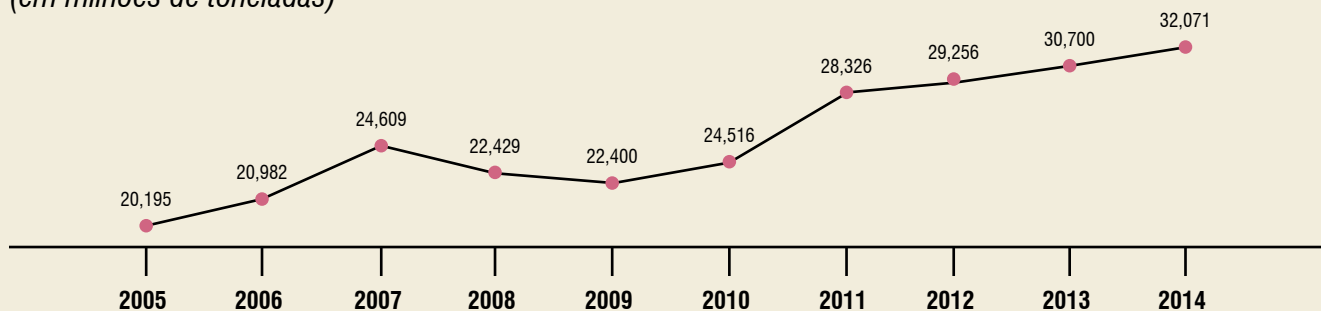
## Stephanes: Cadê o Plano Nacional?



Essa realidade de altos preços e dependência internacional não precisaria ser assim. O Brasil tem condições de ampliar significativamente sua produção interna de fertilizantes, principalmente fósforo e potássio. Este tema foi abordado em 2014 pelo ex-ministro da Agricultura e ex-deputado federal, Reinhold Stephanes, que propôs a criação de um Plano Nacional de Fertilizantes, através do Projeto de Lei 8.065/14. O objetivo da proposta é estabelecer um marco regulatório

## Entrega de fertilizantes ao consumidor

(em milhões de toneladas)



com diretrizes que permitam ao país se tornar autossuficiente na produção destes insumos.

O plano foi estruturado com base em estudos encomendados a especialistas quando Stephanes era ministro da Agricultura (2007-2010). Segundo ele, a rigor, no Brasil não há um único documento que trate da exploração de jazidas de interesse para fertilizantes. “O primeiro documento surgiu na minha gestão”, afirma.

A iniciativa acabou não saindo do papel, segundo Stephanes, por diversas razões, que incluem a pressão das gigantes do setor, e também à falta de participação das lideranças agrícolas na discussão desse tema. “É muito difícil saber ao certo porque não saiu do papel, são várias as razões”, avalia.

O fato, segundo aponta o ex-ministro, é que um produtor do Mato Grosso é obrigado a trazer fósforo do Norte da África, arcando com os custos do frete marítimo, da sobreestadia do navio em Paranaguá e do transporte terrestre até a propriedade, quando poderia adquirir o produto a poucos quilômetros da sua propriedade, uma vez que existem reservas inexploradas do mineral na região.

Os entraves para o desenvolvimento de uma política nacional para os fertilizantes são vastos e nebulosos. Existem jazidas de fósforo e potássio com a exploração paralisada por razões ambientais mal definidas, outras onde a exploração está bloqueada sem que mesmo autoridades governamentais saibam os motivos. Há ainda outras jazidas onde faltam estudos que mostrem a viabilidade econômico-financeira. “É preciso analisar caso a caso”, pondera Stephanes.

“A única jazida de potássio em exploração é da Vale. Ela poderia aumentar a produção, mas não faz isso porque tem jazidas fora do Brasil. Se ela amplia a produção, derruba o preço”, avalia.

Segundo o ex-ministro, a terceira maior jazida de potássio do mundo – com reservas estimadas em 1 bilhão de toneladas –, está localizada na região amazônica e permanece intocada sem razão

## US\$ 65 milhões

Valor pago apenas em multas de sobreestadia dos navios que tiveram que esperar para descarregar fertilizantes nos portos de Paranaguá e Antonina

aparente. Ele conta que em 2008 participou de uma reunião com o então presidente da Petrobras, José Sérgio Gabrielli e a então ministra das Minas e Energia, Dilma Rousseff, onde o primeiro admitiu ter vendido a jazida para a empresa canadense Falcon. “A Dilma deu um esporro no Gabrielli pela venda. A Petrobras pagou uma multa e desfez o negócio, mas nunca mais ninguém tratou do assunto”, recorda.

Mais tarde, Stephanes chamou em seu gabinete três executivos da Falcon para saber por que queriam comprar a mina brasileira, uma vez que internamente ninguém no governo apresentava interesse de explorá-la. “Eles trouxeram um mapa de 1973 em inglês, disseram que tecnicamente não havia nenhum problema. Isso significa que as jazidas são boas, são viáveis”, afirma.



## Alternativas

No ano de 2009, quando Stephanes estava à frente do MAPA, a Embrapa criou a Rede FertBrasil, que tem como objetivo o “desenvolvimento, avaliação, validação e transferência de produtos e processos que contribuam para o aumento de eficiência e introdução de novas fontes de nutrientes na agricultura brasileira”, ou seja, encontrar saídas para contornar a dependência brasileira de fertilizantes importados.

Segundo o coordenador do portfólio de fertilizantes da Embrapa, Vinicius Benitez, a Rede FertBrasil atua em três vertentes: a primeira é a pesquisa de temas como dose, aplicação, sucessão de culturas, etc. focando no manejo e aproveitamento mais racional dos recursos que já dispomos; a segunda vertente é a identificação de fontes alternativas, como resíduos de origem animal (cama aviária, esterco suíno, etc) e de origem mineral e a terceira vertente trata da inovação tecnológica, que utiliza insumos de liberação controlada, uso de polímeros, microorganismos e outras tecnologias bastante avançadas, porém com alto custo.

“Destas três linhas de atuação, acho a primeira mais promissora”, avalia Benitez. Segundo ele, alguns estudos demonstram que o uso contínuo de fertilizantes em soja e milho apresenta uma resposta menor, principalmente para o fósforo. Isso porque depois de muito tempo de aplicações, existe uma carga de fertilizantes residual no solo, que pouparia o produtor de uma nova aplicação. “Se conseguirmos

calcular isso a economia vai ser grande”, avalia.

Essa lógica, porém só vale para a técnica do plantio direto, onde o fósforo não se perde nem por volatilização (evaporando), nem para lixiviação (levado pela chuva). No plantio convencional o mineral reage com outros elementos do solo e se perde.

O uso de resíduos de suínos e de aves também é bastante promissor. A lógica é simples: O NPK é absorvido pelas plantas, que são transformadas em ração e posteriormente eliminadas pelos animais. Como na natureza nada se perde, toda essa riqueza de nutrientes se mantém nos dejetos.

Segundo Benitez, em 2012 foram geradas no Brasil 9 milhões de toneladas de cama aviária. A soma dos dejetos de suínos e de aves corresponde a 25% da demanda brasileira de nitrogênio, 20% da demanda de fósforo e 10% de potássio. “Tem mais potássio nos dejetos de suínos e frangos do que na nossa única mina de potássio”, afirma. “O problema é que estamos usando esses recursos de forma errada, hoje há muito desperdício”, avalia.

De acordo com o pesquisador, para o futuro a tendência é o uso de ferramentas biológicas, como microrganismos que podem solubilizar rochas, micorrizas (fungos) que entram em simbiose com as plantas, ligando-se às raízes para aumentar a absorção de nutrientes do solo, e diversas outras possibilidades. Porém é preciso pensar de acordo com a nossa realidade. “Importamos dos países temperados o conceito de alta solubilidade, porque eles tem uma janela pequena para o plantio. Mas temos um solo ativo 100% do tempo, temos que pensar tecnologias para países tropicais”, avalia.



## Terminal russo em Antonina

No final de setembro de 2012, uma pequena delegação da FAEP viajou à Rússia e manteve contatos com empresários locais. Entre eles estava a Fertilizantes Uralkali. Nesta visita a delegação, liderada

pelo presidente do Sistema FAEP, Ágide Meneguette, foi surpreendida com o perfeito português praticado pelo diretor de vendas e marketing, Oleg Petrov, justificado por ser um veterano conhecedor do Brasil. Uma das quatro maiores produtoras de potássio, Petrov revelou a vontade da empresa russa em implantar um terminal em Antonina, mas sempre enfrentava dificuldades. A delegação da FAEP prometeu facilitar os entendimentos com o governo paraense.

O resultado foi anunciado no final de janeiro passado, quando a Uralkali anunciou um investimento de mais de R\$ 160 milhões na área logística do Porto de Antonina, ao longo dos próximos quatro anos.

Os investimentos, que incluem a construção de um novo berço de atracação no Terminal Ponta do Felix, dois novos armazéns de 120 mil toneladas e a melhoria do sistema de movimentação de cargas, devem dobrar a capacidade de descarregamento de fertilizantes do Porto de Antonina. Com a obra, a capacidade de importação do terminal passa das atuais 2 milhões de toneladas para 4 milhões de toneladas por ano.



# “Invasão europeia”



## Alemães

Para conhecer melhor a economia rural paranaense e o funcionamento do Sistema FAEP/ SENAR-PR, um grupo de 19 alemães da região da Bavária visitou a sede do Sistema, na terça-feira (10). Liderado pelo vice-presidente do Sindicato Rural de Rolândia, Daniel Rosenthal, o grupo era formado por “mestres” em agricultura, que em seu país de origem são responsáveis por dar o treinamento e a supervisão necessária aos produtores rurais.

Durante a visita, o gerente de planejamento do SENAR-PR, Henrique Salles Gonçalves, apresentou ao grupo os programas desenvolvidos pelo SENAR-PR, como Agrinho, Jovem Agricultor Aprendiz (JAA), Mulher Atual e Empreendedor

Rural, enquanto o assessor da comissão técnica de bovinocultura de corte da FAEP, Guilherme Souza Dias, detalhou dados sobre a economia paranaense, o funcionamento da estrutura sindical e o papel da Federação na defesa dos interesses dos produtores rurais.

Os visitantes ficaram impressionados com o número de pessoas atendidas pelos cursos do SENAR-PR e pelo potencial de produção agrícola do Brasil. O roteiro dos alemães no Paraná incluía visitas a cooperativas no interior do Estado.

## Suíços

Em 30 de janeiro um grupo de 32 agricultores da Suíça esteve na sede do Sistema FAEP/SENAR-PR, em Curitiba, após duas semanas visitando propriedades rurais em Bento Gonçalves (RS), Castro, Guarapuava e Cascavel (PR). Observadores (e críticos) puderam observar nossos problemas logísticos. “O Brasil perde quando se trata de logística e infraestrutura. No nosso país, por exemplo, utilizamos ferrovias para escoar a nossa produção, o que torna o nosso custo mais baixo para produzir”, avaliou Fritz Walspurger, produtor de grãos e hortifruticultura.

Hoje a Suíça concentra aproximadamente 67 mil propriedades rurais, com um tamanho médio de 15,6 hectares. A atividade rural envolve 260 mil produtores, 4% do total da população. “Somos 205 vezes menor que o Brasil”, observou Fritz.



## Franceses em Campo Mourão

Um grupo de 22 produtores franceses participou no dia 21 último de uma visita técnica em uma fazenda no município de Farol, região Oeste do Estado. A viagem é o encerramento de um curso de capacitação para pequenos proprietários de terra, na França. “Eles escolhem essa região pela similaridade no tamanho das propriedades”, comentou Cláudia Prochet, guia do grupo.

O grupo é composto por produtores de diversas culturas: hortifrutigranjeiros, leite, mel, fazendas de caça, gado de corte e vinicultores. Recepcionados pelo presidente do Sindicato Rural de Campo Mourão, Nelson Teodoro de Oliveira, observou que “eles vêm porque somos referência em alguma coisa, senão não viriam. E acabam divulgando a nossa região”, salientou. “Seu Nelsinho”, como é mais conhecido explanou aspectos da economia paranaense e do Sistema FAEP/SENAR-PR aos franceses.

# Propostas para o trigo da FAEP, Seab e Ocepar

Documento ao Ministério da Agricultura enumera as questões centrais encaminhadas para a triticultura no Estado



A Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento (Seab), em conjunto com a FAEP e a Organização das Cooperativas do Paraná (Ocepar) encaminhou à ministra da Agricultura, Kátia Abreu, um ofício pedindo mais atenção do governo para a cultura do trigo.

O documento, assinado pelo secretário Norberto Ortigara, traz um compêndio anexo, onde são elencadas e descritas as propostas de políticas públicas necessárias para que a triticultura seja uma cultura viável no Paraná, como financiamento, seguro, comercialização, tributação, escoamento da produção e vigilância sanitária.

A mensagem destaca a necessidade de estimular a produção de trigo, uma vez que, apesar da produção recorde registrada neste ano, o montante atende somente 50% do que foi consumido no país em 2014. Apesar da importância central que o cereal tem na alimentação do brasileiro, a baixa rentabilidade que os produtores estão tendo com a comercialização da safra 2014 desestimula a

cultura. Um dos pontos mais importantes destacado pelas entidades é que os tricultores do Paraná conheçam com antecedência as normas para a safra deste ano de 2015, para que a cultura seja viável e o Brasil possa reduzir a dependência externa do cereal.

A íntegra das PROPOSTAS DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A TRITICULTURA NACIONAL E DEMAIS CULTURAS DE INVERNO você pode acessar no site do Sistema FAEP: [www.sistemafaep.org.br](http://www.sistemafaep.org.br)

## Veja algumas sugestões contidas no documento:

### 1. APOIO À COMERCIALIZAÇÃO E PREÇO MÍNIMO

Os baixos preços de comercialização, abaixo do custo de produção, têm sido desafios para o produtor rural que muitas vezes no momento do plantio vislumbra alguma rentabilidade com a cultura e não tem outra opção de plantio no inverno. A definição

de uma política pública de incentivo ao cereal que defina preços mínimos equivalentes aos custos de produção, e que conceda apoio à comercialização do produto nas quantidades e momentos adequados, visando o interesse no abastecimento nacional é fundamental.

Entre os mecanismos de apoio à comercialização que serão fundamentais na decisão de plantio estão: os leilões de Prêmio para o Escoamento da Produção (PEP), Prêmio Equalizador Pago ao Produtor (PEPRO), Aquisições do Governo Federal (AGF), Contratos de Opção de Venda, e no crédito o Financiamento para Estocagem de Produtos Agropecuários Integrantes da PGPM (FEPM).

## 2. SALVAGUARDAS ÀS IMPORTAÇÕES DE TRIGO

As medidas protecionistas adotadas por países integrantes do Mercosul e de fora dele criam situações de desvantagem ao mercado nacional. Em 2014, a Tarifa Externa Comum (TEC) foi reduzida para zero para importações de 1 milhão de toneladas de trigo até 15 de agosto de 2014. A medida juntamente com a queda dos preços internacionais desmotivou o setor produtivo em um ano de recuperação de área plantada e previsão de aumento na produção nacional, além disso, as importações prejudicaram a comercialização do cereal nacional.

## 3. QUALIDADE

Um dos fatores para o aumento da competitividade do trigo nacional está na segregação qualitativa do produto e na organização de estratégias de produção e de comercialização. Esforços têm sido realizados pelo setor produtivo no sentido de regionalizar a sementeira de cultivares com características qualitativas equivalentes e segregar o produto para atender os padrões de acordo com o seu destino final.

## 4. VIGILÂNCIA SANITÁRIA

A garantia de padrões similares aos do Brasil no uso de produtos químicos, no monitoramento de resíduos de agroquímicos e nos padrões de proteção ao meio ambiente, resguarda o consumidor brasileiro de potenciais problemas à saúde e estabelece condições similares entre produtores de trigo brasileiros e de outros países.

## 5. LEGISLAÇÃO DE CABOTAGEM

A extensa costa brasileira e o grande montante de cargas movimentadas em longas distâncias são condições que configuram um grande potencial à navegação hidroviária e de cabotagem.

## 6. FINANCIAMENTO DE CUSTEIO

As culturas de inverno representam importante componente na estabilidade de fluxo de caixa e de solidez das propriedades rurais, ou seja, a busca pela viabilização da sua atividade. O aporte de recursos que apoiem a implantação da lavoura, em condições de juros compatíveis à remuneração da atividade e prazos adequados, é vital para consolidar o cultivo do trigo.

## 7. SEGURO DE PRODUÇÃO

A cobertura do seguro é essencial para reduzir os riscos do crédito e a manutenção da renda do produtor devido ao risco inerente à cultura. Também é benéfico para a sociedade, pois, em caso de eventuais perdas por adversidades climáticas, os gastos do governo com prorrogações de dívidas agrícolas são reduzidos.

O seguro para o trigo tem alto custo. A insuficiência de recursos para a subvenção federal prejudica os programas de subvenção estaduais e fragiliza a decisão do produtor de investir no cultivo do cereal.

## 8. TRIBUTAÇÃO DO TRIGO E DE DERIVADOS

Iniciativas de contribuição para manutenção da estrutura produtiva de trigo nacional por parte de indústrias que somente adquiram produto de origem nacional devem ser estimuladas com vantagens de desoneração de tributos.

## 9. APOIO ÀS ATIVIDADES DE SUPORTE À PRODUÇÃO DO TRIGO

Avanços de rendimento e de padrão de qualidade tecnológica na cultura do trigo estão vinculados ao amparo estrutural a segmentos de apoio à produção, como os setores de pesquisa e de multiplicação de sementes.

## 10. PROPOSTAS RELACIONADAS ÀS CULTURAS DE AVEIA, CEVADA, TRITICALE E CENTEIO – SAFRA 2015

Essas culturas de inverno, de similar importância na preservação da capacidade produtiva e agregação de valor por unidade de área de plantio, devem contar com políticas de apoio para estímulo ao cultivo.



# O TÚMULO DE GUERRA

O US boat 513 é o único submarino da 2ª Guerra localizado em nosso litoral

Nos três primeiros anos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) os Us boats (Untersseboot em alemão) foram o terror das marinhas Mercante e de Guerra dos países aliados, principalmente a Inglaterra e Estados Unidos. O grande palco dos confrontos navais nesse período foi o Atlântico Norte. Os aliados só conseguiram enfrentar os US boats ao decifrar a Enigma, a máquina de códigos dos alemães utilizada na comunicação entre os submarinos alemães e desenvolver radares e sonares.

Durante a guerra, a Inglaterra perdeu 2.000 navios mercantes e militares, mais de 13,5 milhões de toneladas de carga e cerca de 40.000 marinheiros. Os alemães, 29.000 homens e 785 de seus 1.162 submarinos. Para efeito de comparação o Brasil, hoje, está substituindo seus cinco submarinos a diesel e desenvolve com os franceses um submarino nuclear (a ser lançado entre 2023/2025).

Em janeiro de 1942, o Brasil cortou relações diplomáticas com a Alemanha de Hitler e declarou guerra. Os nazistas responderam, mandando uma frota de submarinos para o nosso litoral. Sua missão era impedir o envio de suprimentos dos EUA para a Europa, torpedeando os navios que passassem pelo Atlântico Sul. Os alemães enviaram 25 submarinos para patrulhar a costa brasileira. Até o final da guerra, os nazistas afundaram 36 navios mercantes brasileiros, deixando 1.074 mortos e 11 Us boats foram afundados pela marinha americana. Apenas um deles, o U-513, foi localizado até hoje. Ele foi encontrado pelo velejador Vilfredo Schurmann, que passou anos procurando os destroços e está produzindo um filme a respeito (Em Busca do Lobo Solitário).



## O comandante Guggenberger

O U-513 patrulhava as águas entre Paranaguá (PR) e o Porto de Rio Grande (RS) à espera de cargueiros, quando foi surpreendido no dia 19 de julho por um hidroavião americano na costa de Santa Catarina - que lançou duas bombas sobre ele. A segunda pegou em cheio. Apenas sete tripulantes sobreviveram, entre eles o seu comandante, almirante Friedrich Guggenberger, um herói entre os nazistas. Em 1941, ele foi condecorado pelo próprio Adolf Hitler por ter afundado um porta-aviões britânico. Guggenberger era de uma eficiência implacável - até o final da Segunda Guerra, ele afundara 17 navios.

Os americanos salvaram os sobreviventes, Guggenberger foi levado até uma penitenciária no Arizona, onde ficou até 1944. Em 23 de dezembro daquele ano, ele e outros 24 prisioneiros de guerra fugiram. Ele chegou a ser recapturado perto da fronteira com o México, mas acabou liberado pelos Aliados em 1946. Voltou à Alemanha, onde chefiou um quartel-general da Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte, aliança militar coordenada pelos EUA na Europa) até se aposentar em 1972.

## Permissão Negada

O velejador Wilfredo Schurmann, patriarca da família que hoje está em novas aventuras pelos oceanos do Oriente (<http://www.expedicaooriental.com.br/expedicao>) soube do afundamento do submarino em 2002 pelo livro "A Última Viagem do Lobo Cinzento", escrito por Telmo Fortes. A partir daí, foram 11 anos de pesquisa, entrevistando especialistas e pessoas envolvidas

na história. Em seguida foram 18 expedições de barco. A equipe usava um sonar, que funcionava como um radar submerso. Em 14 de julho de 2011, depois de dois anos de buscas, finalmente o submarino foi encontrado. "Foi uma emoção indescritível", disse Schurmann. Segundo ele, o submarino tem um grande furo no casco e está com o bico de proa quebrado, mas de resto está intacto. Ou seja, dentro dele com certeza há tesouros históricos de enorme valor - e, muito provavelmente, os esqueletos de 47 soldados nazistas.



### O túmulo

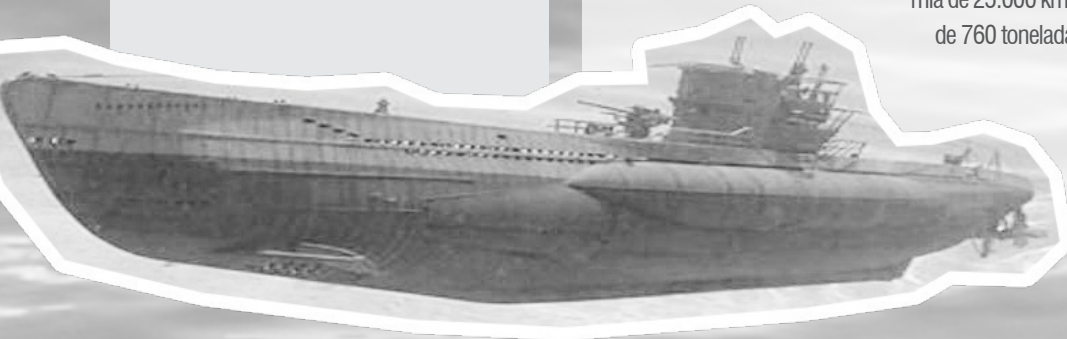
O velejador queria transformar o submarino alemão em local de exploração submarina, construir uma réplica e colocar dentro dela objetos retirados do U-513, como o enigma (a máquina de códigos), e abrir para visitação pública.

A Marinha brasileira só permitiu imagens feitas por um robô e negou o acesso ao local, argumentando que o submarino é um "túmulo de guerra", pois nele estão sepultados os restos mortais de 46 dos 53 tripulantes alemães da embarcação.

### O interior do US boat

A vida dentro de seu submarino alemão da época não era das mais agradáveis. "Pegava-se um motor e construía-se um submarino em volta", diz Telmo Fortes, autor de um livro sobre o U-513. Isso significa que não sobrava espaço para quase nada - nem para que cada um dos tripulantes tivesse o próprio colchão. "Eles adotavam o chamado 'beliche quente'. Quando terminava seu turno, o marujo que saía do serviço se recolhia a uma cama que vagava." Havia apenas dois banheiros, um dos quais foi transformado em despensa - e os presuntos, salames e peças de carne de porco salgada ficavam pendurados ao longo do corredor central, dificultando ainda mais a circulação.

O U-513 era bem primitivo para os padrões atuais. Usava tecnologias herdadas da Primeira Guerra Mundial e tinha de ser frequentemente abastecido por outros submarinos, conhecidos como "vacas leiteiras", que levavam combustível (diesel), armas e mantimentos. Possuía três canhões, um deles antiaéreo, mais 22 torpedos e 44 minas explosivas; 54 tripulantes; autonomia de 25.000 km; velocidade 15 a 31 km/h e peso de 760 toneladas.



# O mercado de Carne Bovina

Por Guilherme Souza Dias, zootecnista do DTE/FAEP.



Num país em que praticamente há tantos bois quanto gente, quem não é o maior tem de ser o melhor. O rebanho do Paraná ocupa a 10ª posição no ranking nacional, com 9,39 milhões dos 211,76 milhões de animais existentes no país, segundo o IBGE. Não é pouco numa cadeia produtiva que responde por cerca de sete milhões de empregos diretos e indiretos e movimenta mais de R\$ 170 bilhões por ano.

Para vencer o desafio de continuar a produzir proteína vermelha para um mundo que cresce em população e renda é preciso eficiência, com uma cadeia produtiva organizada, segurança sanitária e seriedade no processo produtivo.

A FAEP vem incentivando, principalmente através de

sua Comissão de Bovinocultura de Corte, a melhoria da produção bovina paranaense, realizando eventos como reuniões e dias de campo visando a divulgação de tecnologias e promoção da atividade pecuária.

Apesar desses esforços, vem ocorrendo um menor crescimento do rebanho paranaense frente à produção nacional, o que pode ser explicado pela redução do efetivo em função do uso da terra para agricultura, em detrimento da área de pastagens.

Dados da Pesquisa Pecuária Municipal (PPM) do IBGE (2014) corroboram com essa teoria. As tabelas 1, 2 e 3 ilustram o efetivo do rebanho, o número de abates e a produção de carne no Brasil e no Paraná, respectivamente, em 2013.

**Tabela 1:** Comparativo do efetivo do rebanho paranaense e brasileiro em 2012 e 2013.

	Efetivo			
	2012	2013	Diferença (nº)	2012/13 (%)
Brasil	217.904.189	218.408.652	504.463	0,23
Paraná	9.413.937	9.395.313	-18.624	-0,19

**Tabela 2:** Comparativo do número de abates no Paraná e Brasil em 2012 e 2013.

<b>Animais abatidos (Cabeças)</b>				
	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>Diferença (nº)</b>	<b>2012/13 (%)</b>
Brasil	31.118.740	34.412.070	3.293.330	10,58
Paraná	1.346.753	1.424.743	77.990	5,79

**Tabela 3:** Comparativo do peso total de carcaças produzidas no Paraná e no Brasil, em 2012 e 2013.

<b>Peso total das carcaças (Quilogramas)</b>				
	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>Diferença (nº)</b>	<b>2012/13 (%)</b>
Brasil	7.351.147.177	8.166.720.207	815.573.030	11,09
Paraná	314.985.686	333.179.882	18.194.196	5,78

Fonte: IBGE

Na prática, a manutenção do rebanho associado ao aumento na produção de carne de 5,8% sugere um incremento na eficiência produtiva da cadeia, onde mesmo reduzindo o efetivo em 18 mil animais, foi possível produzir quase 18,2 mil toneladas de carne a mais.

Esse quadro indica que enquanto alguns produtores abandonam a atividade para dedicar-se à cultura de grãos, os que permanecem têm intensificado a produção. Neste contexto, cabe ressaltar que os conceitos produtivos dos pecuaristas vêm evoluindo e já se sabe que não é mais possível produzir animais no mesmo sistema de 30 anos atrás. Ganha força a adoção de tecnologias que venham a contribuir com a intensificação da produção, como a Integração Lavoura-Pecuária ou Lavoura-Pecuária-Floresta (ILP/ILPF), uso de inseminação artificial, convencional ou em tempo fixo, e a suplementação a pasto, para citar algumas. E é esse o perfil do produtor que tende a se perpetuar na atividade, aquele que investe.

O Paraná tem clima, relevo, topografia e tecnologia que permitem o cultivo de espécies forrageiras de melhor qualidade para a alimentação animal. Animais de origem europeia, mais precoces e que produzem carne de melhor qualidade, não sofrem aqui tanto estresse térmico pelo calor como em outras regiões do Brasil. O Estado surge então com um grande potencial para a produção de carne diferenciada, de maior qualidade e valor agregado.

## Carne de Qualidade

Apesar da forte pressão da agricultura e sobre a pecuária, o cooperativismo vem ganhando força no Estado, a exemplo da Cooperalliança, que congrega diversos produtores de Guarapuava e região para a produção de carne principalmente da raça Angus, de

altíssimo padrão de qualidade.

Nela, o produtor cooperado tem remuneração de 13 a 25% sobre o valor da arroba pela qualidade, precocidade e padrão racial dos animais lá abatidos. Focado no mercado de carne gourmet, a cooperativa tem buscado expansão para os próximos anos, visualizando o crescimento da demanda por esse tipo de produto. Há também a Maria Macia, cooperativa em Campo Mourão, região Noroeste do Estado, onde a precocidade dos animais é preconizada, sem diferenciar raças ou linhagens.

Existem muitas outras, mas o importante é evidenciar que na atual conjuntura do mercado, somente este tipo de iniciativa tem assegurado remuneração diferenciada ao produtor.

Apesar das carcaças de qualidade elevada proporcionarem preços maiores nos elos finais da cadeia, nos sistemas convencionais essa diferenciação não é repassada ao principal responsável por todo esse processo. Isso denota que a centralização dos produtores em iniciativas cooperadas é um dos caminhos para alcançar melhor remuneração pela arroba.

Neste contexto, é importante ressaltar que essas iniciativas exercem papel fundamental no sistema produtivo, direcionando à cadeia a eficiência ao incentivar a produção de bovinos mais jovens. Dessa forma é aproveitado o momento de melhor conversão alimentar dos animais, onde o animal come menos para produzir 1 kg de peso vivo quando comparado a um animal mais velho, ou “erado”, no jargão produtivo.

Assim, o produtor pode encurtar o ciclo produtivo e elevar a eficiência da propriedade. Ganha a cadeia toda: o produtor, que passa a ser mais eficiente e é remunerado por isso; o frigorífico, que pode contar com animais de qualidade e padrão de carcaça; e o consumidor final, que terá oferta de carne padronizada e de alta qualidade com regularidade.

## Potencialidades

Algumas tecnologias como a ILP ou a ILPF permitem conjugar os sistemas produtivos, produzindo tanto grãos quanto carne, ou até mesmo madeira em uma mesma área.

Nestes sistemas, programas inovadores como o Programa Agricultura de Baixo Carbono (ABC), permitem ao produtor o acesso a crédito diferenciado e ainda possibilita contribuir com o meio ambiente, mitigando a emissão de carbono pelo sequestro do elemento através do cultivo florestal e recuperação de áreas degradadas.

Isso permite incremento na produtividade e diversificação nas atividades da propriedade, salvaguardando o produtor das volatilidades do mercado, uma vez que ele não depende apenas de um tipo de produção para obter renda.

Dada a preocupação com as mudanças climáticas e os efeitos da emissão de gases do efeito estufa, esse tipo de iniciativa converge com as políticas mundiais de mitigação dos efeitos prejudiciais das atividades humanas no meio ambiente, além de contribuir com a sustentabilidade na atividade agropecuária.



## Desafios

### *Mercado interno*

No mercado interno, vários fatores colaboraram com a valorização de 30% na arroba, mas o maior deles foi a oferta. Mesmo com um mercado em alta, indo dos R\$106 em janeiro, aos R\$138 em dezembro (Scot Consultoria), os frigoríficos encontraram dificuldades para fechar as escalas.

Dados da mesma empresa apontam que, entre janeiro de 2014 e janeiro do ano corrente, os animais de reposição também sofreram altas valorizações. Em média, a categoria valorizou 44,1%, com destaque para o bezerro de seis arrobas, com 50,1%.

Isso sugere que está havendo uma equiparação na remuneração da atividade de cria com as de recria e engorda, onde o ágio do terminador foi gradativamente reduzido e o produtor de bezerras consegue remunerações mais satisfatórias.

### *Mercado externo*

No ano passado, houve grande aumento nas exportações em função da retomada do acesso à China e eventos geopolíticos como o embargo russo a produtos dos EUA, Canadá, Noruega, Austrália e União Europeia, provocado pelas tensões na Ucrânia.

As exportações de carne bovina apresentaram em 2014 crescimento de 7,7% frente ao ano anterior, aumentando a receita de US\$ 6,6 bilhões para US\$ 7,2 bilhões, segundo dados da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (ABIEC).

Para 2015, a ABIEC projeta receita de US\$ 8 bilhões nas exportações de carne bovina, 10% a mais que no ano passado. Esse aumento se deve, entre outros fatores, à abertura de novos mercados.

Entre eles, merece destaque o americano que, na incapacidade de atender à demanda interna, irá recorrer à importação do produto brasileiro ainda no primeiro semestre deste ano.

Essa abertura é um passo crucial para o Brasil, pois o acesso a esse mercado dá respaldo internacional para a conquista de outros, que remuneram melhor por um produto de qualidade, como Japão e Canadá.

## Sanidade

Importante lembrar que, no caso do Japão, é importado carne bovina e suína somente de regiões com o status de livre de febre aftosa sem vacinação. No Brasil, somente o estado de Santa Catarina detém essa classificação. Salvo algumas exceções, todos os outros são considerados pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) como livres de febre aftosa com vacinação.

Cabe ressaltar que melhorias na estrutura de defesa sanitária a nível estadual e nacional visando a evolução do status de livre de aftosa com vacinação para sem vacinação deve ser prioridade na pauta das autoridades, pois além de promover redução de custos para os produtores, permite o acesso a esses mercados diferenciados.



# SENAR-PR capacita instrutores do Programa Agrinho



De 09 a 11 de fevereiro o SENAR-PR capacitou um grupo de 13 instrutoras do Programa Agrinho, em Curitiba, com a professora/doutora Vani Kenski, da Universidade de São Paulo (USP). O tema trabalhado foi 'Atuação dos educadores facilitando a autoria colaborativa de jogos pelos alunos'.

Vani é especialista na área da tecnologia educacional e autora de um capítulo no novo material do programa destinado aos professores. "Nosso objetivo é mostrar ao professor como estimular o aluno a produzir jogos educativos no computador", diz.

Ela explica ainda que existem duas questões a serem trabalhadas: a produção de jogos pelos alunos e o papel do professor

nesse processo, que precisa ser uma construção coletiva.

Em seu trabalho a professora/doutora fez uma adaptação da realidade dos professores do Ensino Fundamental (pré-escolar a 9ª série), que não tem acesso à internet ou que tem sinal de baixa qualidade.

"Queremos que mesmo nas escolas que não tenham internet os professores possam usar o jogo educativo como um aliado do processo de aprendizagem. É importante destacar que a aprendizagem não é apenas de conteúdos, mas de valores (éticos e de disciplina) e de comportamento. Quando o indivíduo aprende, ele se transforma e muda sua atitude", completa.

Para a instrutora do SENAR-PR, Eliana Scherbar, da Regional de Matelândia, o treinamento foi muito dinâmico em um ambiente de muita troca de experiências. "Tivemos acesso a muitas orientações práticas que os professores poderão aplicar na sala de aula. O mais importante é que podemos mostrar ao professor que tecnologia não é só computador e internet; giz, quadro e a voz do profissional também são ferramentas tecnológicas", pondera.

Para Ednilza Godoy, da Regional de Pato Branco, o conteúdo visto nessa capacitação complementou o embasamento teórico que foi oferecido no ano passado. "Os professores querem ideias novas para levar para a sala de aula e o jogo educacional é uma ferramenta muito importante", finaliza.

## Nota



## Rodolpho Botelho assume diretoria da CNPC

O engenheiro-agrônomo, especialista em Integração Lavoura-Pecuária e agropecuarista assumiu a diretoria administrativa do Conselho Nacional da Pecuária de Corte (CNPC) na gestão 2015-2018. Além de produtor de grãos e carne, Rodolpho também é presidente do Sindicato Rural de Guarapuava, da Comissão Técnica de Bovinocultura de Corte da Federação da Agricultura do Estado do Paraná (FAEP). Tirso de Salles Meirelles, da Faesp é o presidente reeleito da entidade que tem entre seus principais objetivos desenvolver, estratégica e operacionalmente, o crescimento da pecuária de corte, promovendo a organização de cada segmento na cadeia produtiva da carne bovina.

# Barbas de molho

Produtor demonstra cautela na contratação de financiamentos

Por Katia Santos



O Banco do Brasil (BB) finalizou relatório sobre o número de propostas de financiamento encaminhadas durante o Show Rural 2015. Até sexta-feira (06/02) foram apresentadas 2.490 propostas totalizando R\$ 610 milhões. “Na feira não são protocoladas propostas de custeio, o foco são investimentos, principalmente de máquinas e implementos (veja quadro)”, comenta o gerente de Mercado do BB, Alexssander Ramirez de Oliveira.

Ele informa aos produtores rurais que as condições especiais da feira continuam disponíveis nas agências para as propostas protocoladas até o dia 06/03. “A principal vantagem para o produtor é a velocidade na liberação do crédito”, completa.

A informação pode ser avaliada sob vários aspectos. O primeiro deles é comparando pelo o volume contratado entre 2014 (R\$ 700 mi) e 2015, o que comprova uma queda de 12,8% demonstrando uma retração do produtor em relação à contratação de novos investimentos.

O aumento do custo de produção na agricultura paraense, segundo a Companhia Nacional de Abastecimento

(Conab), variou de 7 a 14%, dependendo da cultura e da região na safra 2014. Aliado a esse fator as perspectivas de preços menores para a safra que esta sendo colhida também restringe o interesse do produtor. “A combinação desses dois fatores demonstra a baixa confiança do produtor em realizar novos investimentos”, analisa a economista do Departamento Técnico e Econômico da FAEP, Tânia Moreira.

Tânia aponta outros aspectos que acabam influenciando a decisão do produtor em relação a novas aquisições, como: 1) Indefinição quanto a manutenção da taxa de juros de 4,5% ao ano no caso do Moderfrota (Programa de Modernização da Frota de Tratores Agrícolas e Implementos Associados e Colheitadeiras), que pode ter um reajuste na taxa de juros a partir da safra 2015/16, considerando o contexto da economia brasileira. 2) Previsão de longo prazo de menores preços para commodities, considerando o quadro de oferta e demanda atual; 3) Incerteza sobre a economia brasileira com aumento de inflação e desvalorização cambial que acabam encarecendo os custos de produção.

## Linhas de crédito do BB por segmento

Finame Moderfrota	1.524
BB Pronaf Mais Alimentos	740
BB Investimento Agropecuário Tradicional	120
Pronamp Investimento	70
Demais linhas	36
<b>Total</b>	<b>2.490</b>

## Encolhem vendas de máquinas agrícolas

A avaliação é do presidente da Câmara Setorial de Máquinas e Implementos Agrícolas, da Associação Brasileira de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), Pedro Estevão Bastos, que reúne 314 indústrias e gera 61 mil empregos diretos. Em 2014 o segmento movimentou R\$ 550 bilhões. “Temos que ser realistas não estamos em crise, mas estimamos uma queda de 10% nas vendas em 2015. Mas acredito que esta redução não irá mexer com os empregos do setor”, afirma Bastos que participou do Show Rural 2015.

Mirco Romagnoli, vice-presidente da Case IH para a América Latina, concorda que o mercado espera uma leve queda ao longo de 2015, “mas a Case IH deve fechar o ano levemente melhor que 2014”. O fabricante espera que o primeiro semestre seja positivo nas vendas de tratores agrícolas e colheitadeiras de grãos, alavancado principalmente pela disponibilidade de crédito e pelas taxas atraentes do Finame-Moderfrota.

O gerente de vendas da Massey Ferguson, Leonel Oliveira, avalia que o mercado de máquinas agrícolas foi prejudicado pela não oficialização do governo das mudanças para financiamento (PSI e Moderfrota). “As novas regras para financiamento de máquinas chegaram aos bancos em final de janeiro. Mas três fatores influenciam o produtor na hora da compra de um novo equipamento: o clima, a lei de oferta e procura da produção e as condições de financiamento. Para essa safra os prejuízos são pontuais, tanto no país como no Paraná e o

cenário de preços no mercado internacional está indefinido. Mas, acreditamos que o produtor vai continuar investindo com cautela e isso deve gerar uma redução no volume de vendas”.

No estande da Tatu Marchesan, o coordenador regional de vendas, Airton Sérgio Cioffi informou que a visitação na feira atendeu as expectativas em relação ao ano passado. Sobre as vendas o momento é de convencimento do produtor. “O volume de recursos do Moderfrota não será suficiente (RS 1,5 bilhão). Por conta dessa linha de crédito as vendas no primeiro semestre deverão ficar dentro das previsões, e as preocupações se voltam para o segundo semestre”.

O diretor de vendas da John Deere para América Latina, Celso Schwengber, tem uma visão otimista do mercado e não acredita em queda de vendas. “Tivemos um bom fluxo de clientes da região e outros Estados. Acreditamos que será uma participação positiva”.

“Na Valtra a estratégia é mostrar ao produtor que a hora certa de comprar novos equipamentos é agora. O produtor está cauteloso, mas também está consciente que precisa investir para se manter competitivo”, diz o gerente de vendas Luiz Cambhy. O Show Rural é um indicador para o segmento de vendas de máquinas no Paraná, segundo Cambhy, que lembrou ainda da agricultura familiar. “Este é um segmento em que os produtores têm investido em equipamentos menos sofisticados”.



“O setor já encolheu em 2014 10% estimativa é que esse ano ocorra uma redução no mesmo patamar”, Pedro Estevão

# Pequenos, mas eficientes

Mão de obra cara aumenta o uso de pequenos e médios equipamentos agrícolas

Por Hemely Cardoso



Dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE) mostram que, em 2002, eram 16,3 milhões de pessoas trabalhando no campo em todo o território nacional. Em 2013, esse número encolheu 14,2%, somando 13,9 milhões de brasileiros atuando na atividade agrícola. Diante de um mercado onde a mão de obra é cada vez mais rara (e mais cara), o produtor está buscando novas alternativas para aumentar a produtividade nas propriedades rurais.

Entre elas, o uso de pequenos e médios equipamentos agrícolas, um segmento que vem crescendo ano a ano devido ao avanço tecnológico e da falta de gente para trabalhar no campo. É o que revela Rodrigo Torres Hurki, que há nove anos atua nesse setor como representante de vendas. Segundo ele, hoje é comum, por exemplo, o produtor utilizar um lavador de alta pressão para limpar os dejetos na granja suína ou no aviário. Outro equipamento prático e que substitui o trabalho de seis pessoas, de acordo com Rodrigo, é a varredeira. “Essa máquina está tendo boa aceitação no mercado. Com o equipamento dá para fazer silagem ou até mesmo limpar as camas aviárias”, explicou.

Somente durante o Show Rural 2015, entre os dias 2 e 6 de fevereiro, a empresa Kärcher, onde Marcelo trabalha, aumentou em 19% as vendas no setor de pequenos e médios equipamentos na comparação com o ano anterior. “Esse foi o nosso ano”, comemorou. Assim como Marcelo, o gerente de vendas Cleison Jr. Tureck, da Yanmar, também apontou um crescimento nesse segmento de mercado. “A mecanização se tornou uma realidade no campo e hoje o produtor está em busca da otimização da mão de obra”.

A reportagem do Boletim Informativo selecionou alguns equipamentos que estavam em exposição no Show Rural, esclarecendo que todos têm marcas e preços concorrentes, confira:



## Motocultivador, da Husqvarna – R\$ 4 mil

Ideal para preparar o solo na hortifruticultura e também pode ser utilizado para preparar a cama no aviário. Segundo o promotor de vendas Marcio Fernando Stanieski, a máquina representa uma economia de quatro funcionários.



## Microtrator, da Yanmar – R\$ 27 mil

Por serem potentes e compactos, são muito utilizados para o cultivo da terra e também para outras aplicações como transporte de cargas, manutenção de granjas, corte de grama, roçadas, entre outras funções. O promotor de vendas Davi Marini Marçal, da Yanmar, comentou que as vendas desse maquinário cresceram 20% nos últimos dois anos. De acordo com ele, o microtrator pode substituir o trabalho de até 15 pessoas.

## Yanmar Agritech – R\$ 68 mil



Assim como o microtrator é utilizado para o uso geral no campo, esse trator também é usado na colheita de café. Segundo Marini Marçal, a procura pela máquina cresceu 10% entre 2013 e 2014.



## Lavador de alta pressão com água quente (modelo HDS 18) – R\$ 18 mil

Utilizado para remover detritos em granjas suínas e aviários.



## Vagão de dieta para gado leiteiro – entre R\$ 100 e R\$ 120 mil

A dieta completa (silagem, feno, capim picado, entre outros) do animal é feita num vagão misturador próprio, com balança eletrônica para pesar os ingredientes. Com a utilização do equipamento, uma pessoa consegue ser responsável pelo trato de um número maior de animais. Sem o vagão são necessários dois funcionários para preparar a silagem.



## Varredeira (modelo KM 7020) R\$ 3,2 mil

O equipamento é utilizado para fazer, desde a silagem, à limpeza das camas aviárias.

# Bom ambiente para os frangos

A capacitação de avicultores e trabalhadores no CTA de Assis Chateaubriand



As aves convertem a ração e a água na energia que usam para a manutenção corporal (para funcionar os órgãos e músculos e manter-se aquecidos), para o crescer e ganhar peso. A esses dois itens básicos soma-se a ventilação, temperatura, limpeza, etc, e o avicultor, que busca naturalmente bons resultados, precisa torna-se praticamente um gerente atento dos alojamentos das aves.

A família Rekowsky, por exemplo, tem cinco aviários (100 x 12 m) sob os cuidados dos irmãos Jeferson (31 anos) e Gustavo (23), enquanto o pai se ocupa da produção de grãos, no Distrito de Novo Sobradinho, em Toledo, no Oeste do Paraná, a 552 quilômetros de Curitiba.

A pouco mais de 40 quilômetros os irmãos de sobrenome eslavo encontraram o local exato para ampliar seus conhecimentos sobre a produção de frangos. Precisamente no Centro Tecnológico de Avicultura (CTA) de Assis Chateaubriand, do SENAR-PR, cujas instalações estão praticamente sitiadas por lavouras de grãos e aviários.

Integrados da Globo Aves, Jeferson participou do curso piloto de Trabalhador na Avicultura de Corte - operação de controladores de ambiência para aviários realizado na semana de 9 a 13 de fevereiro, e Gustavo também fez o curso na segunda turma.

A capacitação, com duração de 20 horas, teve 26

participantes (15 na primeira turma e 11 na segunda), entre avicultores e trabalhadores da avicultura.

Mesmo aos alunos mais experientes, como Jeferson e Gustavo, que operam um controlador AC 200 PRO, foi possível aprender novas possibilidades. “Não fazia ideia de algumas coisas que podiam ser feitas. Foi muito bom, aprendi bastante e já estou usando essas informações. Outra coisa boa foi que pudemos levar as nossas dificuldades do dia a dia”, diz Jeferson.

O curso foi ministrado pelo professor universitário e especialista no assunto, Marcos Augusto Alves da Silva, e ofereceu a possibilidade de operação e melhor aproveitamento de três aparelhos diferentes de controladores de ambiência (Smaai4, AC2000 PRO e Expert LA). “As vezes a pessoa está operando um equipamento há algum tempo e desconhece todas as suas possibilidades. A troca de informações entre os participantes também foi um ganho muito importante durante o treinamento”, explica a zootecnista e técnica do SENAR-PR, Daniella Sgarioni de Faria.

A abordagem do curso também tratou de: Conforto e estresse térmico de frangos de corte; Características das instalações; Temperatura, umidade e velocidade do ar; Ventilação mínima, transição e túnel (pressão negativa); Nebulização e placa evaporativa.

# Lei dos Caminhoneiros

## A nova legislação aprovada pela Câmara Federal

A Câmara dos Deputados concluiu no último dia 11 a votação da chamada “Lei dos Caminhoneiros” (PL 4.246/2012) e manteve a jornada de trabalho de até 12 horas para os motoristas profissionais. Dessas, duas horas são extras e mais duas horas devem ser acertadas por meio de acordo coletivo.

Está prevista que a interjornada – período de descanso de 11 horas – pode ser fracionada. Mas todas as horas devem ser tiradas em um mesmo dia e oito devem ser consecutivas.

A lei aprovada pela Câmara vinha sendo negociada desde 2012, ano em que entrou em vigor a legislação que regulamentou a atividade de caminhoneiros profissionais e contou com a forte atuação da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA). Agora, o projeto segue para sanção presidencial para que as novas regras entrem em vigor.



## Itens aprovados

- O tempo máximo de direção foi ampliado para até cinco horas e meia. Antes, os caminhoneiros precisavam de um intervalo de meia hora a cada quatro horas no volante.
- As regras aprovadas ainda permitem ao motorista estender o período máximo de condução contínua pelo tempo necessário para chegar a um lugar que ofereça segurança e atendimento. Na lei atual, essa extensão é de uma hora. O poder público terá a obrigação de publicar uma relação com locais de descanso. Em até cinco anos, também deverá adotar medidas para ampliar a disponibilidade desses locais.
- Foi mantida a isenção de pedágio para eixos suspensos de caminhões. Com isso, quando um caminhão estiver vazio, o veículo não deverá pagar pelos eixos que estiverem suspensos. O Plenário ainda manteve o aumento de 5% para 10% da tolerância admitida sobre os limites de peso bruto do caminhão por eixo para rodagem nas estradas brasileiras.
- Os motoristas também terão que, obrigatoriamente, fazer exames

toxicológicos para identificar o consumo de drogas. O exame deve ser realizado antes de o motorista adquirir a carteira de habilitação e antes de renovar, e também na metade do intervalo entre a expedição e a renovação do documento.

- Nas viagens de longa distância, com duração maior que sete dias, os caminhoneiros terão direito a repouso de 35 horas. Pela lei atual, a pausa é de 36 horas. Até três períodos de repouso seguidos podem ser acumulados e usufruídos no retorno da viagem.

## Penalidades

A penalidade que poderá ser aplicada ao caminhoneiro que descumprir os períodos de repouso passa de grave para média. Permanece a retenção do veículo para cumprimento do tempo de descanso. Se o condutor for reincidente no último ano, a infração passa a ser grave.

# Boa aplicação é a solução

## Os danos da Falsa Medideira (Mede Palmo) na lavoura de soja

Por Katia Santos



Todas as regiões do Paraná registraram a presença da lagarta Falsa - Medideira (*Chrysodeixis sp.*) nas lavouras de soja, mas em alguns municípios como Mangueirinha e Ipiranga alguns produtores chegaram a ter perdas na produtividade que variam de 3 a 10% na safra 2014/15. De acordo com o engenheiro-agrônomo da Emater de Maringá, Celso Daniel Seratto, a maioria dos problemas ocorreu porque o produtor não usou corretamente a tecnologia de aplicação de defensivos.

O coordenador estadual de Grãos da Emater-PR, o engenheiro-agrônomo Nelson Harger informa que a cultura da soja nessa safra, na fase vegetativa (onde ocorre o desenvolvimento da planta), praticamente não foi atingida por pragas. “Os produtores assistidos pelo Programa Plante Seu Futuro praticamente não utilizaram inseticidas antes da floração, o que representa economia no custo de produção. Já na fase reprodutiva (formação de vagem e grãos) foram registrados problemas como a incidência da lagarta Falsa Medideira e percevejos”, pondera.

Como as plantas tiveram um excelente desenvolvimento vegetativo, continua Harger, “houve um bom fechamento das lavouras com a formação das folhas. Quando a Falsa Medideira ou Mede Palmo, como é conhecida pelos agricultores apareceu na lavoura, os agricultores aplicaram os defensivos, mas o produto não conseguiu atingir a lagarta, que tem por hábito se alojar na parte mediana da planta”.

“O produtor deve começar o controle da lavoura utilizando o pano de batida. Quando o número de insetos por metro quadrado ultrapassar 20 ele deve iniciar a aplicação de defensivos

químicos”, diz o coordenador.

Harger, acrescenta que a praga tem o hábito de se alojar no interior da planta em condições de clima quente e seco. “Como os produtores estavam aplicando o defensivo em qualquer hora do dia e sem a tecnologia necessária, parte do produto não conseguiu atingir as lagartas e a eficiência do controle foram baixas”.

O controle da Falsa Medideira passa pela melhoria da qualidade da tecnologia de aplicação. O agrônomo recomenda nessas condições de clima que os produtores sigam as seguintes orientações:

- 1) Aplicar nos horários mais frescos (início da manhã e após às 19 horas);
- 2) Aumentar o volume de calda do inseticida para cerca de 200 litros por hectare;
- 3) Melhorar o padrão de gotas usando bicos que produzam gotas finas e de bom padrão de distribuição;
- 4) Regular a altura da barra de pulverização entre 30 e 50 centímetros do ápice das folhas minimizando as perdas por deriva;
- 5) Reduzir a velocidade do pulverizador, minimizando a oscilação da barra, obtendo melhor distribuição das gotas e maior eficiência na aplicação.
- 6) Usar adjuvantes junto ao inseticida melhorando sua eficiência.



## Unidades de Referência

Em todo o Paraná a Emater monitora cerca de 10 mil hectares de lavouras de soja espalhadas em 220 propriedades. Essas propriedades foram denominadas de Unidades de Referência em Tecnologia (URT) e participam do Programa Plante Seu Futuro (veja box).

A situação da Falsa Medideira na Região de Maringá, onde a seca facilitou o aumento da população de lagartas, foi revertida com a orientação técnica aos produtores das 43 unidades espalhadas em 23 municípios. Essas unidades recebem de uma a duas visitas semanais de um técnico da Emater.

A propriedade nessa região (22 hectares) de Anísio Martinhão é uma das Unidades de Rede de Referência em Tecnologia da Emater. “Começamos a acompanhar a lavoura com o pano de batida. Quando detectamos mais de 20 lagartas fiz a aplicação, mas não de forma correta. Apliquei ‘um cheirinho’, uma subdose do produto e não deu certo, joguei dinheiro fora. Conversei com o técnico e com uma aplicação na dosagem certa resolvi o problema”, afirma.

## Mangueirinha e Ipiranga

O presidente do Sindicato Rural de Mangueirinha, no Sudoeste paranaense, Milton Feldkicher, também registrou perdas. Segundo ele os produtores tiveram perdas de 3 a 5% e a média de aplicações de inseticidas foi de quatro aplicações sem resultado positivo. “Infelizmente quase 70% dos produtores não conseguiram controlar a praga com eficiência. Estamos trabalhando com as cooperativas para reforçar com os produtores as orientações corretas de aplicação”, diz.

Em Ipiranga, Região Centro Sul, as perdas de produtividade da lavoura foram mais acentuadas de 5 a 10%. O presidente do Sindicato Rural de Ipiranga, Florindo Bonfiglio, informa que, além da lagarta, a seca tem castigado muito a lavoura. “Estamos conversando com os produtores e pedimos que a Emater ajude nas orientações. Queremos que eles tenham êxito no controle dessa praga” finaliza.



“O pulo do gato no uso dessa tecnologia passa pela melhoria da qualidade da aplicação”, diz Nelson Harger

## Percevejo barriga-verde

O engenheiro-agrônomo e pesquisador do Instituto Agronômico do Paraná (Iapar), Rodolfo Bianco, alerta sobre o Percevejo Barriga-Verde (*Dichelops furcatus*). Este inseto até agora classificado como praga secundária na soja tem aumentado sua população e nos últimos cinco anos os técnicos têm registrado prejuízos na cultura assim como na cultura subsequente que é o milho safrinha.

“Na fase de germinação da soja, ele não é considerado praga, mas se reproduz nos meses de fevereiro e março aumentando a população. Se aloja na palhada que fica no campo após a colheita e ataca as sementes de milho na fase de plantio injetando uma toxina na planta”, explica.

O controle da população de percevejos é o tratamento de sementes ao custo de duas sacas de milho por hectare, orienta Bianco. Quando a incidência de chuvas não é grande, esse tratamento devolve ao produtor de 10 a 12 sacas de milho por hectare. “Precisamos pensar no controle de pragas na sucessão do cultivo, pois o barriga-verde se mantém na propriedade até mesmo durante o vazio sanitário”, alerta.



## Cursos do SENAR-PR

Nelson Harger, da Emater-PR orienta o produtor rural a buscar capacitação para aprimorar seu método de aplicação de agrotóxicos. Ele ressalta que a aplicação não pode ser padronizada. “É importante que o produtor adeque sua aplicação - cada caso é um caso. O uso de agrotóxicos é uma importante e eficiente ferramenta no controle de pragas e doenças. Mas ‘o pulo do gato’ no uso dessa tecnologia passa pela melhoria da qualidade da aplicação”, completa.

Ele recomenda os cursos do SENAR-PR, que, além de serem gratuitos, têm um conteúdo atualizado, além de ser um dos parceiros no Programa Plante Seu Futuro.

Em 2014, o SENAR-PR realizou 713 cursos com a participação de 8.888 produtores, técnicos e trabalhadores na área de aplicação de agrotóxicos. Estes cursos representam a terceira maior demanda entre os cursos oferecidos pela instituição. O curso Trabalhador na Aplicação de Agrotóxicos tem os seguintes temas: utilização de equipamentos de proteção individual; identificação das embalagens dos produtos; até a aplicação de defensivo com pulverizador autopropeido.



## Plante Seu Futuro

As ações do Programa Plante seu Futuro, lançado em novembro de 2013, levam em consideração as peculiaridades regionais e locais, difundindo conhecimentos e tecnologias de boas práticas agrícolas já validadas, que proporcionem incremento da rentabilidade com preservação ambiental.

A campanha orienta produtores rurais e técnicos agropecuários para adotarem técnicas sustentáveis de plantio e condução das lavouras, para proteger a fertilidade do solo.

Entre elas; conservação de solos, de água, redução na aplicação de agrotóxicos, manejo de pragas e doenças. Com essas práticas, o agricultor consegue oferecer alimentos mais seguros ao consumidor e também ganhar com a redução nos custos de produção.

Os gestores do Programa são: Sistema FAEP/SENAR-PR, Organização das Cooperativas do Paraná (Ocepar), Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Paraná (Fetaep), Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar), Embrapa e Itaipu Binacional.

## As imagens do Show Rural 2015

Os sindicatos rurais e o SistemaFAEP/SENAR-PR levaram ao Show Rural 2015, no início deste mês, mais de 8 mil produtores rurais distribuídos em 196 caravanas de todo o Estado. As imagens desse exército que foi ver e conhecer as novidades na área de tecnologia e pesquisa dedicada ao campo foram publicadas inicialmente no último Boletim (1289). E as demais estão nas próximas páginas.





















## ABATIÁ



### MOOP

O Sindicato Rural de Abatiá realizou nos dias 27 e 28 de novembro do ano passado o curso Condutores de Veículos – Detran – atualização – movimentação e operação de produtos perigosos MOOP. Participaram 14 trabalhadores com o instrutor Gentil Telles de Proença.

## MANFRÍÓPOLIS



### Mandioca

Nos dias 17 e 18 de novembro de 2014 foi realizado na Casa Familiar Rural de Manfrinópolis, o curso Produção Artesanal de Alimentos - Básico em Mandioca. Com a instrutora Claudete Terezinha Kunz Labonde. O evento foi realizado em parceria entre o Sindicato Rural de Francisco Beltrão e a Casa Familiar Rural de Manfrinópolis.

## GUARANIAÇU



### JAA

Mais duas turmas do Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) foram organizadas pelo Sindicato Rural de Guaraniáçu no ano passado. O instrutor dos grupos Sandro Pio Passarin acompanhou os jovens em uma visita na propriedade do aluno Mateus André Teixeira, no dia 19 de novembro de 2014, no município de Diamante do Sul.

## NOVA PRATA DO IGUAÇU



### Fruticultura

Os jovens do 3º Ano do Ensino Médio com Qualificação em Agricultura da Casa Familiar Rural fizeram uma visita de estudo, em novembro de 2014, na propriedade do senhor Jurandir Pellizzari. Eles conheceram a prática da produção de uva: como adubação, poda, controle de pragas e doenças, colheita e comercialização. A instrutora Nágila Lavoratti e o grupo agradeceram a disponibilidade dos proprietários e as informações repassadas.

## CAMPINA DA LAGOA



### Forragicultura

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa ofereceu o curso Trabalhador na Forragicultura - Estabelecimento, Recuperação e Reforma de Pastagem, nos dias 10 a 12 de novembro de 2014. Participaram 13 produtores rurais com o instrutor Paulo Roberto Marchesan.

## QUEDAS DO IGUAÇU



### JAA

Em parceria com o Colégio Estadual Chico Mendes, o Sindicato Rural de Quedas do Iguaçu organizou uma turma do Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) - Gestão do Agronegócio. O instrutor do grupo foi Sandro Pio Passarin organizou uma visita do grupo no dia 20 de novembro de 2014 na propriedade do aluno Marcelo Moreira.

## PALOTINA



### Pescados

O Sindicato Rural Patronal de Palotina, em parceria com Planejamento Agropecuário e Consultoria Agrícola (Planrural) e a Associação Produtores de Peixe (Apaqui), promoveu o curso de Produção Artesanal de Alimentos – Derivados de Pescado, com a instrutora Zeli da Conceição Ferreira de Oliveira. As aulas aconteceram nos dias 27 e 28 de novembro de 2014 para 15 participantes.

## PALOTINA



### Colhedora I e II

O Sindicato Rural de Palotina em parceria com a empresa Equagril Equipamentos Agrícolas Ltda realizou duas turmas do curso Trabalhador na Operação e Manutenção de Colhedora Automotrizes - New Holland - básico. O primeiro no período de 24 de novembro a 01 de dezembro na sede da empresa para 15 participantes com o instrutor Alcione José Ristof. E o segundo nos dias 08 e 09 de dezembro de 2014, para 15 trabalhadores com a instrutora Silvana de Fatima Ribeiro Olzewski.

## Uma simples foto



Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo email: [imprensa@faep.com.br](mailto:imprensa@faep.com.br) com seu nome e endereço.

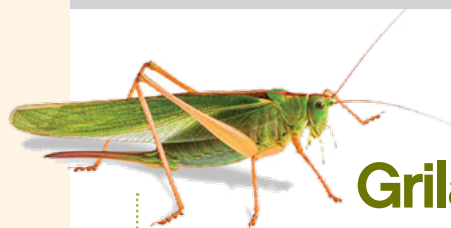
## Joãozinho no restaurante

Uma professora estava dando algumas lições de etiqueta pra os seus alunos. No começo das explicações, ela resolveu pedir que as crianças dissessem regras, que já haviam ouvido de seus pais, sobre como se comportar bem dentro de um restaurante.

- “**Não fique brincando com a comida**” — disse um dos alunos.
- “**Não faça muito barulho**” — afirmou outro menino.
- “**Lave bem as mãos antes de comer**” — disse uma garota.
- “**Não fale enquanto estiver com a boca cheia**” — gritou outro aluno.

A professora resolveu perguntar ao Joãozinho, que estava calado:

- O que os seus pais dizem antes de você ir a um restaurante, Joãozinho?
- “**Peça algo barato.**”



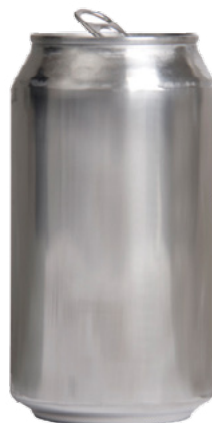
## Grilagem

O termo grilagem vem de um antigo macete dos falsificadores. Para dar aspecto de velho aos documentos criados por eles, os falsários deixavam os papéis em gavetas com insetos como o grilo. Com a ação dos animais, os papéis ganhavam a coloração amarelada com aspecto de ser antigo.

## Não foi a maçã?

No Jardim do Éden, Eva colhe uma maçã, tasca-lhe uma dentada e oferece a fruta a Adão, que também mete os dentes. É assim, segundo o livro do Gênesis, que o primeiro casal criado por Deus cai em pecado. Mas quem disse que o fruto proibido era uma maçã?

Não há uma única referência a essa fruta na Bíblia. A versão original do texto só se refere ao “fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal”. Na Bíblia há uma palavra genérica que indica ‘pomo’, sugerindo uma fruta com forma de maçã, mas que também poderia ser uma pera, um figo ou qualquer outra com esse formato. O mito da maçã foi sendo criado aos poucos, possivelmente por obra dos diversos tradutores da Bíblia.



## Alumínio

A produção de alumínio exige o consumo de uma elevada quantidade de energia elétrica. O consumo de energia representa aproximadamente 30% do custo da produção de alumínio primário. É o principal insumo da produção. A indústria do alumínio é responsável por 6,4% do total de energia elétrica consumida no país, incluindo a proveniente de autogeração. O consumo mundial de latinhas de alumínio é da ordem de 270 bilhões de latas de alumínio, sendo que o primeiro posto de consumidores é ocupado pelos americanos, com 100 bilhões de latas por ano; seguido pelo Japão, com 30 bilhões; e o Brasil em terceiro posto, com cerca de 22 bilhões de latinhas, mas com um alto índice de reciclagem mundial, acima de 95% da produção.

## De mãos abanando

Na época da intensa imigração no Brasil, os imigrantes tinham que ter suas próprias ferramentas. As “mãos abanando” eram um sinal de que aquele imigrante não estava disposto a trabalhar. A partir daí o termo passou a ser empregado para designar alguém que não traz nada consigo. Uma aplicação comum da expressão é quando alguém vai a uma festa de aniversário sem levar presente.

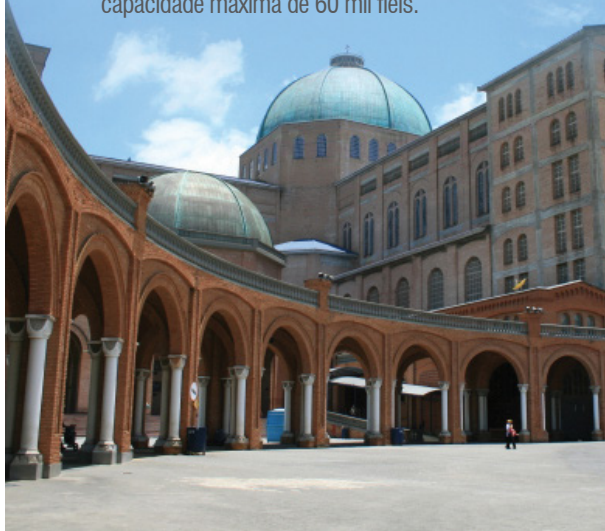
## Junte-se à maioria!

Em pelo menos 120 dos 192 países filiados à ONU, insetos são comidos regularmente - e a iguaria não é só para quem está matando besouro a grito. Na América Central, no Sudeste Asiático e no Oeste Africano, eles são servidos em restaurantes finos. Nos EUA, uma lata com 200 gramas de formigas tanajuras sai por R\$ 57. E, até no interior do Brasil, formiga frita é petisco. Cerca de 1.400 espécies de insetos são consumidas no mundo, e os campeões são os besouros.



## Maiores Igrejas cristãs

O Santuário de Aparecida foi construído entre 1946 a 1980 e chega a receber 10 milhões de visitas por ano. Em seu interior cabem de 45 a 70 mil devotos, num espaço de 12.000 m<sup>2</sup>. A basílica fica em Aparecida, interior de São Paulo e seu anexo conta com shopping, clínica médica e restaurantes. Só é menor do que a Basílica de São Pedro, no Vaticano, com uma área construída de 23.000 m<sup>2</sup>, área interna de 15.160 m<sup>2</sup> e capacidade máxima de 60 mil fiéis.



## Como a privada mudou o mundo

Quando a humanidade fez sua primeira grande invenção, a agricultura, passou a ser possível viver a vida toda num só lugar. Mas isso também criou um problema: o que fazer com o xixi e o cocô que se acumulam? Gregos e romanos inventaram mecanismos primitivos para se livrar dessas coisas indesejáveis. Mas a luta só seria vencida em 1885, quando o inglês Thomas Twyford criou a privada como a conhecemos hoje. Ela reduziu em 40% as infecções, elevando em 20 anos a expectativa de vida no mundo. Mas 2,5 bilhões de pessoas ainda não têm privada. Dos 163 litros que cada brasileiro consome por dia, 38% vão pela descarga.



## A residência oficial

O Palácio Alvorada ficou pronto em 14 meses, entre abril de 1957 e junho de 1958 - No total, são sete mil metros quadrados de área, e 800 de construção destinada a (ao) presidente. A suíte do casal tem 120 metros quadrados, a biblioteca 150, piscina olímpica aquecida. Há ainda três salas de estar, sala de música, de jantar e uma específica para banquetes. São, em média, 72 funcionários, entre secretários, assistentes, garçons, seguranças e médicos, 24 horas por dia ao dispor da família presidencial.



# REZEMOS A SÃO PEDRO

## Querem transpor o Rio Amazonas

A notória constatação que São Pedro não tem colaborado com boa parte do território brasileiro, talvez tenha provocado excesso de sol na cabeça de alguns conterrâneos. O governador José Melo (PROS), do Amazonas, por exemplo, vem sugerindo a solução para a seca que sempre atingiu o Nordeste e que agora aflige Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, no Sudeste do país.

- "Por que não levar água da Rio Amazonas, que tem em abundância, para o Sul, Sudeste e, sobretudo, para o Nordeste, onde há solos abundantes e ricos? Não precisaríamos levar água todo dia. Quando, no período de chuvas, resolvessem a questão do abastecimento dos reservatórios,

a torneira seria fechada. Quando isso não acontecesse, o Amazonas estaria lá para socorrer", afirmou o governador.

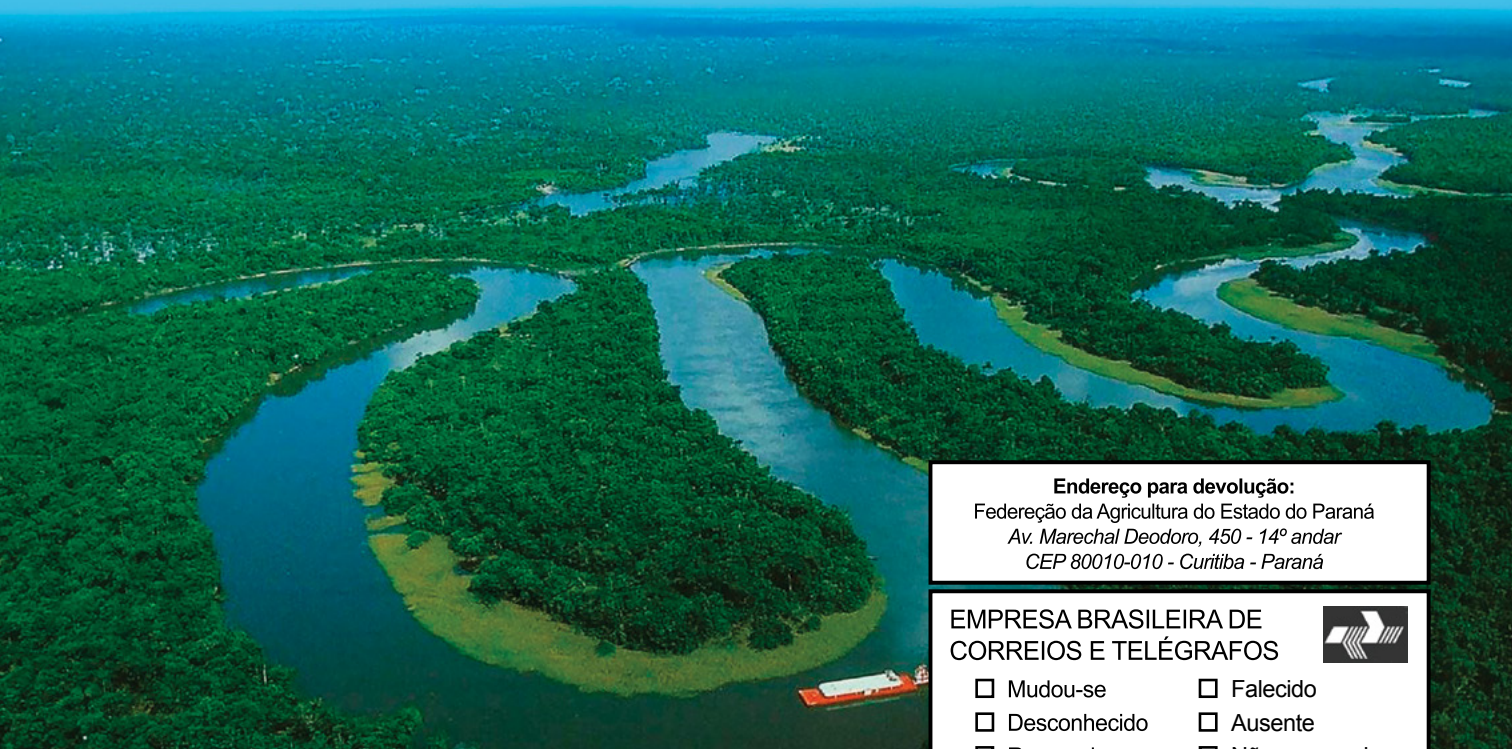
Em seu raciocínio há o fato de que a Bacia Amazônica concentra mais de 90% da água doce do Brasil, mas apenas 10% da população brasileira. Enquanto as regiões Sudeste e Nordeste concentram quase 80% da população e tem uma disponibilidade hídrica de menos de 15%.

O Rio Amazonas joga no Oceano Atlântico em torno de 200 mil metros cúbicos de água por segundo. Um metro cúbico corresponde a mil litros de água, então em média, são 200 milhões de litros de água doce por segundo que o rio despeja no Oceano Atlântico. Isto significa mais de 18 bilhões de metros cúbicos de água doce que estão sendo salgados por dia. Na época de cheia esse volume pode ultrapassar 600 mil metros cúbicos por segundo.

Para São Paulo, o que falta no Sistema Cantareira são 30 metros cúbicos por segundo, "Se fizesse um desvio de água de 1% desses 200 mil metros cúbicos, para o Rio Amazonas não seria nada, um desvio insignificante, mas que representa quase toda a vazão do Rio São Francisco", disse o superintendente regional do Serviço Geológico do Brasil (CPRM), Marco Antônio Oliveira.

Tudo muito bom, tudo muito bem, mas não custa lembrar que a transposição do Rio São Francisco foi lançada em 2007 para obras em 700 quilômetros que tinham apenas 57% concluídas no final do ano passado. Os custos, segundo a então candidata Dilma Rousseff na sua campanha era de R\$ 33 bilhões.

Da captação ao Nordeste são 2.000 quilômetros e até o Sudeste o dobro. **É bom que São Pedro volte a colaborar.**



### Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná  
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar  
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

### EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- |   |  |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se                                 | <input type="checkbox"/> Falecido      |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido                             | <input type="checkbox"/> Ausente       |
| <input type="checkbox"/> Recusado                                 | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente                    |  |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado                 |  |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico |  |

### REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_      Responsável \_\_\_\_\_  
Em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

#### SISTEMA FAEP



#### SISTEMA FAEP/SENAR-PR

FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |  
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br  
SENAR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |  
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

A versão digital deste informativo  
está disponível no site:

[sistemafaep.org.br](http://sistemafaep.org.br)